

I CONGRESSO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA



A CAPOEIRA E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: UMA PROPOSTA COLABORATIVA

I Congresso Nacional de Práticas de Ensino na Educação Inclusiva, 1ª edição, de 01/08/2024 a 02/08/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-106-6

GUTHIERREZ; Carla Cordeiro Marçal y¹, SANTOS; João Marcus Perelli dos²

RESUMO

Neste resumo, problematiza-se como a capoeira dialoga com o atendimento educacional especializado e traz importantes significados no processo de ensino e aprendizagem para estudantes com TEA, garantindo três importantes dimensões: afetivas, sociais e cognitivas. Para tanto, pretende-se trazer relatos de experiências a partir de aulas na licenciatura de Pedagogia e Educação Física na cidade do Rio de Janeiro, especificamente na Baixada Fluminense, onde os estudantes produzem conhecimento acerca da capoeira e sua importância no cotidiano da escola. Além disso, objetiva-se trazer a experiência desse atendimento especializado na educação básica, na cidade de Araruama, onde a deficiência é vista na perspectiva dos direitos humanos. Utilizou-se referenciais teóricos que dialogam com a Educação Física Escolar e com a Educação Especial na perspectiva inclusiva, sobretudo no que se refere ao atendimento educacional especializado – AEE. Como provocações, propõe-se a necessidade de dialogar sobre capoeira e a sua relação no atendimento aos estudantes públicos da Educação Especial como uma possibilidade de suporte educacional especializado no processo de ensino e aprendizagem. Discute-se, também, a importância de refletir sobre essa temática na formação inicial de professores.

Introdução

Lecionar é um desafio diário na vida de um professor e de uma professora, porque além de todo o fazer docente, é necessário pensar, refletir, avaliar e ainda, dialogar com e sobre o processo de ensino e de aprendizagem. Diante desses desafios, propomos uma reflexão sobre o fazer docente a partir da junção de duas experiências: um professor de educação física e uma professora do atendimento educacional especializado com vivências na educação básica e no ensino superior. Ambos têm um objetivo comum: o aprendizado de todos os estudantes. Dessa maneira, nossa proposta é relatar a experiência de aulas na formação inicial de professores nos cursos de Pedagogia e Educação Física e na educação básica, tendo a capoeira como recurso e suporte para o atendimento educacional especializado.

Trataremos ainda sobre a deficiência na perspectiva dos direitos humanos, segundo a qual todos os estudantes têm o direito de aprender. Para isso, será necessário estabelecer um diálogo entre o atendimento educacional especializado, acessibilidade curricular, recursos pedagógicos, suportes educacionais especializados, e, sobretudo, a respeito do recurso humano, que nesse caso é o professor. Para garantir esse diálogo e uma prática inclusiva faz-se necessário fomentar o ensino colaborativo, que é a parceria entre o professor de ensino comum (Marçal y Guthierrez, Barreiros, Oliveira, 2016), neste caso o(a) professor(a) de educação física, e o(a) professor(a) especialista em educação especial. Ambos são responsáveis pelo planejamento e aprendizado dos estudantes.

O atendimento educacional especializado – AEE é um serviço prestado aos estudantes com deficiência na Educação Especial. O AEE identifica, elabora e organiza os recursos pedagógicos que contribuem e garantem a acessibilidade, eliminando as barreiras no processo de ensino e aprendizagem. Dessa maneira, desde que a

¹ UFRRJ, carlamarcal@ufrj.br

² UNESA/Secretaria Municipal de Educação em Araruama, joamarperelli@uol.com.br

política educacional brasileira passou a ser inclusiva, outras preocupações, caminhos e diálogos começaram a surgir e vêm ganhando espaço nos cotidianos das escolas e universidades, ou seja, é preciso garantir o aprendizado de todos os estudantes, não deixando excluído os estudantes públicos da Educação Especial.

Vale salientar que os estudantes públicos da educação especial, segundo a LEI 9394/96, são os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento (TGD) e altas habilidades ou superdotação. Como garantir o aprendizado dos nossos estudantes? Como contribuir com o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social? Como dialogar com o ensino comum e o atendimento educacional especializado? A fim de dialogar sobre esses questionamentos é fundamental compreender o conceito de acessibilidade curricular.

Assim, propomos uma discussão acerca da capoeira como um suporte educacional especializado que contribui na aprendizagem e no desenvolvimento dos estudantes. E ainda garante a acessibilidade curricular para os estudantes com deficiência.

Relato de Experiência

Na história da sociedade brasileira sabe-se que a capoeira teve um papel relevante no tocante às questões de reconhecimento e valorização da população negra. A arte-luta é classificada como patrimônio imaterial do nosso país, além de desenvolver aspectos psicomotores como: coordenação motora ampla e fina, diferentes tipos de equilíbrio, ritmo, agilidade, tempo de reação, resistência muscular localizada, noção de espaço e tempo (Araújo, 2013). Por outro lado, existem outros benefícios importantes da prática como: a sociabilidade, a equidade, o respeito, a alteridade e a formação identitária do sujeito (Santos, Perelli, 2018) por meio do ensino da capoeira na educação básica.

Ainda no que se refere à construção da identidade, o ingresso do estudante, com deficiência ou não, no grupo de capoeira, pessoa com deficiência ou não, possibilita desenvolver um sentimento de pertencimento à comunidade, compartilhando valores, códigos de conduta, a ideia de graduação por meio de cordel-cordas, o novo nome-apelido que recebe, reforçando assim a identidade do indivíduo naquela instituição social.

Durante os anos de 2022 e 2023 um dos autores deste texto utilizou a capoeira nas aulas de educação física escolar, por quarenta minutos, uma vez por semana, com dois estudantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista – TEA. Vale dizer que esse transtorno, segundo o DSM-V (2014), afeta a comunicação, a linguagem e a interação social dos indivíduos, assim como alguns apresentam movimentos repetitivos e estereotipados. Os estudantes do fundamental I cujos nomes fictícios são “Júlio”, do primeiro ano, e o aprendiz “Danilo”, do terceiro ano, apresentaram melhoras significativas na coordenação motora ampla, no equilíbrio dinâmico e estático, após um ano de aulas, sugerindo assim que a arte-luta colabora para a melhoria de aspectos psicomotores. E para além de tais dimensões, ambos melhoraram a sociabilidade e o senso de pertencimento à turma, reforçando os laços de amizade com os integrantes daquele grupo social. Isso porque tudo se torna pedagógico para os estudantes com TEA, sejam as habilidades, sejam as atividades de vida diária. “O grande foco na educação deve estar no processo de aprendizagem e não nos resultados, pois, nem sempre, eles virão de maneira rápida e como esperamos” (Cunha, 2022).

Como educadores, possibilitamos uma convivência social e os estudantes com TEA jamais poderão ser privados da interação com os outros e de aprender em grupo. Isso garante a autonomia, o desenvolvimento pessoal, cognitivo e sobretudo, interpessoal.

A capoeira estimula o raciocínio e os movimentos são excelentes recursos para o aperfeiçoamento da coordenação motora fina. Segundo Cunha, (2022, p. 47): “Atividades lúdicas de educação física que explorem o equilíbrio, o manejo de objetos e os exercícios com o corpo, onde os membros superiores e inferiores se alternem coordenadamente em movimentos orientados, ajudam qualquer criança a adquirir uma boa coordenação motora global”.

Pensando a formação de professores nos cursos de licenciatura em Pedagogia e Educação Física, entendemos que a inserção da capoeira nos currículos caminha na direção de uma educação decolonial (Wash, 2009), isto é, ela colabora na desconstrução dos saberes coloniais, conquistando dessa forma espaços negados nos currículos oficiais (Neira, Nunes, 2009). Portanto, a perspectiva do currículo prescrito, sobretudo o tradicional, aquele com características eurocêntricas e voltado para o modelo fabril, é modificada de forma significativa com a participação de um saber oriundo das margens (Mignolo, 2004), daquelas camadas excluídas do conhecimento acadêmico como faz a capoeira.

Acessibilidade Curricular no cotidiano escolar: o atendimento educacional especializado e a capoeira

¹ UFRRJ, carlamarc@ufrj.br

² UNESA/Secretaria Municipal de Educação em Araruama, joamarperelli@uol.com.br

A acessibilidade, segundo a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (2015), oferece a possibilidade e a condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, possibilita inclusive o acesso a seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso coletivo público ou privados, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida.

A LBI traz diferentes formas de acessibilidade, como: arquitetônica, atitudinal, comunicacional, instrumental e metodológica no ensino, pesquisa e extensão. Esta última forma de acessibilidade se aproxima da nossa experiência no que se refere à ausência de barreiras nos métodos, teorias e técnicas de ensino e aprendizagem, de trabalho e de ação comunitária (social, cultural, artística, entre outras). Por isso, é importante pensar, inclusive, o uso da tecnologia assistiva e o desenho universal para as práticas docentes.

As tecnologias assistivas são produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (Brasil, 2015).

Planejar as aulas na perspectiva do desenho universal na aprendizagem (DUA) é um caminho para garantir a participação de todos os estudantes. O DUA garante uma possibilidade de recursos, estratégias e metodologias que contribuem para a aprendizagem do estudante. Na perspectiva do DUA pensamos nossas aulas de forma que todos possam participar sem a necessidade de adequação. Todos participam! Todos aprendem!

Dialogando com a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (2001), não devemos focar na deficiência e sim nas potencialidades desses estudantes. Com isso, acredita-se que o ambiente social e cultural pode mediar as relações entre as pessoas com deficiência. E afinal, o que é necessário para ensinar esses sujeitos? É fundamental encontrar estratégias para o ensino, como: metodologias mais diretas, interacionais e colaborativas, seja pela oferta de materiais ou recursos didáticos que possam concretizar o conceito e torná-lo compreensível para estes estudantes. Mas, antes de refletirmos sobre as estratégias de aprendizagem, é válido trazer o conceito da aprendizagem significativa à luz de David Ausubel (2000), que trata da importância de considerarmos os conhecimentos prévios dos estudantes para que então seja possível iniciar o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, é necessário partirmos dos interesses desses estudantes para que o diálogo e a interação proporcionem o aprendizado.

Dessa maneira, destaca-se uma estratégia muito utilizada nos cotidianos das escolas: os recursos didáticos-pedagógicos como suportes educacionais especializados. Esses são fundamentais para garantir a acessibilidade ao currículo e, portanto, legítima o aprendizado dos nossos sujeitos. Entendemos a capoeira como um suporte educacional especializado e que dialoga com o AEE. Através da capoeira é possível desenvolver os aspectos motores, cognitivos, sociais e afetivos dos estudantes públicos da educação especial.

A capoeira, inclusive, pode ser vista como uma tecnologia social. O Decreto nº 10.645, de 11 de março de 2021, traz a importância do uso de tecnologias. As tecnologias favorecem o processo de ensino e aprendizagem e contribuem com as práticas docentes. Essas tecnologias não são apenas *softwares* e plataformas digitais, simples adaptações e recursos são considerados tecnologias.

A capoeira abre espaços à sociabilidade, à formação da identidade do sujeito, às possibilidades psicomotoras, ela estimula a consciência da educação antirracista e ajudando o estudante a se perceber como elemento pertencente ao grupo social, desse modo, a entendemos como uma tecnologia no cotidiano escolar.

Somos provocados a refletir sobre a capoeira e sua relação com o atendimento aos estudantes públicos da Educação Especial enquanto possibilidade de suporte educacional especializado no processo de ensino e aprendizagem. Mas também, insistimos na importância de refletir sobre essa temática na formação inicial de professores, pois é preciso alterar os currículos oficiais das licenciaturas, incluindo o componente curricular capoeira como ferramenta pedagógica de tecnologia social.

Algo que nos permite refletir sobre a relação entre a capoeira e o AEE é a capacidade espacial que pode ser desenvolvida. Compreende-se que a inteligência espacial contribui na regulação dos sentidos de lateralidade e direcionamento. Gardner (2000) assevera que as crianças aprendem os valores de uma cultura, assim como as habilidades, observando os adultos. Dessa maneira, entende-se o ambiente rico em oportunidades para desenvolvimento das habilidades adquiridas, no entanto, chamamos atenção para os estudantes com TEA, que nem sempre conseguem adquirir essas habilidades de forma espontânea. Por isso, a importância das aulas de

¹ UFRRJ, carlamarc@ufrj.br

² UNESA/Secretaria Municipal de Educação em Araruama, joamarperelli@uol.com.br

educação física que exploram o ambiente, mas também estimulam brincadeiras como jogar bola, correr e jogar capoeira.

Conclusão

Dialogar sobre inclusão escolar na formação inicial de professores é uma necessidade, porque os profissionais da licenciatura atuarão diretamente com os estudantes com deficiência. Além disso, é preciso compreender que o AEE é um serviço especializado da área da educação especial e que precisa dialogar com outras áreas do conhecimento para potencializar o aprendizado dos estudantes. Dessa maneira, nossa análise sobre a capoeira e o AEE, trazem três importantes dimensões associadas ao desenvolvimento dos estudantes, sobretudo daqueles com TEA: afetivas, sociais e cognitivas. Nas dimensões afetivas, podemos pensar na necessidade de estarmos atentos aos interesses e desejos dos estudantes. As práticas pedagógicas dialogam com o afeto. Em relação às dimensões sociais, os estudantes podem descobrir regras sociais como amizade, cordialidade, companheirismo e tantas outras habilidades sociais. E quanto à dimensão cognitiva, mesmo quando há limitação de alguns progressos cognitivos, devido à dificuldade de interação social e comunicação, é possível desenvolver novas competências, por exemplo: movimentos motores mais complexos.

Entendemos que este relato de experiência pode gerar muitas reflexões e inquietudes sobre o cotidiano escolar inclusivo. E ainda, trazer uma provocação nas ações docentes, favorecendo a prática do ensino colaborativo, uma parceria entre os professores, em que todos são beneficiados. Mas também, perceber que a deficiência precisa ser vista na perspectiva dos direitos humanos.

Referências Bibliográficas

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, Josimar. *Capoeira Inclusiva- de mãos dadas e sem se olharem*. Campo Grande: Life Editora, 2013.

AUSUBEL, David. *The acquisition and retention of knowledge: a cognitive view*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2000.

CUNHA, Eugênio. *Autismo e Inclusão – Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família*. Rio de Janeiro: Wak, 2022.

Decreto nº 10.645, de 11 de março de 2021. Regulamenta o art. 75 da Lei nº 13.146, de 6 julho de 2015 para dispor sobre as diretrizes, os objetivos e os eixos do Plano Nacional de Tecnologia Assistiva. Acesso em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.645-de-11-de-marco-de-2021-307923632>

GARDNER, Howard. *Inteligência: um conceito reformulado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 27 nov. 2019

MARÇAL Y GUTHIERREZ, Carla Cordeiro; WALTER, Catia Crivelenti de Figueiredo. Programa de formação continuada de professores: comunicação alternativa e TEA. In: *Revista Teias - Seção temática Programas e práticas pedagógicas na educação especial e inclusiva*. v. 22, n. 66, jul./set. 2021.

MARÇAL Y GUTHIERREZ, Carla Cordeiro; OLIVEIRA, Crizan; BARREIROS, Claudia. *Inclusão, bidocência, ensino colaborativo: quem ganha com isso?*. In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2016, São Carlos. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2016. Disponível em <https://proceedings.science/cbee/cbee7/trabalhos/inclusao-bidocencia-ensino-colaborativo-quem-ganha-com-isso?lang=pt-br>. Acesso em 07 fev. 2024.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. *Educação física, currículo e cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.

SANTOS, Leonardo e PERELLI, João Marcus. *Identidade e sentimento de pertencimento: discutindo os jogos olímpicos rio 2016*, in mega events footprints: past, present and future Rio de Janeiro: Engenho, 2017.

VYGOTSKY, Lev. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins

¹ UFRRJ, carlamarcal@ufrj.br

² UNESA/Secretaria Municipal de Educação em Araruama, joaomarperelli@uol.com.br

Fontes, 2001.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In. CANDAU, Vera Maria (org.). *Educação intercultural na América Latina* entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira, Atendimento Educacional Especializado, Formação Inicial de Professores

¹ UFRRJ, carlamarc@ufrj.br

² UNESA/Secretaria Municipal de Educação em Araruama, joaomarperelli@uol.com.br